

SIZA, MIMÉISIS E NEGAÇÃO

A. Desconhecido & B. Desconhecido

B. (não preencher para revisão dupla)

A. Centro de Investigação, Faculdade; Universidade, País

B. test.mailexemple@gmail.com (não preencher para revisão dupla)

RESUMO

A questão do património surge, ainda, muito associada ao objectivo da conservação congelada do passado ou da sua História. Em ambos os casos, passado e História, a arquitectura assume duas vias opostas: uma espécie de elemento neutro da operação; ou um aparato contemporâneo que, forçadamente, deverá autonomizar-se e isolar o artefacto patrimonial “a conservar” (Cf. carta de Veneza). A questão, porém, é que qualquer intervenção arquitectónica é, em si e por natureza, também ela, outra vez arquitectura. Por isso, no momento de se relacionar com o seu passado, “mimésis” e “negação” (termos seminais para a filosofia de Fernando Gil), tornam-se indispensáveis à teoria da intervenção no património e, por consequência, à teoria de projecto em contexto de pré-existência.

Siza tem vindo a mostrar-nos, reiteradamente, e nos contextos mais delicados, que não se deixa intimar, nem pela autoritas do passado e da sua pretensa História, nem pela ânsia de novidade e originalidade a todo o custo que a ideia de “zeitgeist” procurou impor-nos.

Em Santiago de Compostela a solução arquitectónica é particularmente “perigosa”, como o próprio autor admitiu, referindo-se à implantação do Museu, muito próxima do convento e da rua, numa cidade ciosa dos seus monumentos e que é, ela própria, um monumento.

Embora pudesse construir no interior do Parque Bonaval, Siza escolhe libertar o jardim e construir o edifício relacionando-o com o edificado. Já a opção pelo granito “dourado”, mimético das pré-existências, não é, na origem, sua.

Mais recentemente, em 2021, referindo-se ao túmulo que construiu para os arcebispos na Catedral da mesma cidade, Siza reafirma que “O uso do mármore é uma velha história que ele tinha pendente com a cidade, porque quando realizou o projecto para o Centro Galego de Arte Contemporânea (1993), a sua primeira ideia era utilizar mármore, o que não aconteceu. Para ele, o branco evoca a cor tradicional das casas da capital galega, em contraste com esta obsessão pelo granito que em Santiago domina (...) a arquitectura de grande escala e o próprio pavimento da cidade.”

Quase 30 qnos depois, Siza consegue colocar em prática a sua primeira ideia construindo em mármore branco de Estremoz um pequeno templo dentro da própria Catedral granítica.

Na penumbra daquela cripta escura e profunda, Siza alcança um “jogo de contrastes” que adquire um efeito quase “onírico”.

A integração e o equilíbrio nem sempre se fazem por aproximação, dependendo antes desses contrastes “visualmente perceptíveis, ou na memória.”

Em ambos os casos, Museu e Túmulo, lugar e memória, são reconstruções contemporâneas da História da Cidade.

“É aqui o sítio certo. [Afirmou Chillida, no Parque Bonaval, quando escolhia o lugar para a escultura que viria a ser a ‘Porta da Música’.] Daqui vejo as torres da Catedral, mas vejo igualmente a nova construção – o museu.”

“Seja qual for a ‘conversação’ entre ‘protagonistas’”, mimésis ou negação, importa aqui compreender a Arquitectura com A maiúsculo, em Santiago ou no Porto (na Rotunda da Boavista, na Avenida dos Aliados, ou na Avenida da Ponte), sensível a tudo o que antecedeu a sua intervenção, tanto quanto a tudo o que a disciplina da arquitectura tem para voltar a oferecer às intermináveis experiências do tempo e do espaço permitidas pelo ofício.

Palavras-chave: Santiago de Compostela, Parque do Bonaval, Centro Galego de Arte Contemporânea, Paisagem, Afinidades

Eixo temático: 5. Património, lugar e memória;